

01

A LUTA PARA “EXISTIR-RESISTIR” NOS TEMPOS DA DITADURA BRASILEIRA: embates da homossexualidade masculina na universidade. Chegamos ao fim?(!)

THE STRUGGLE TO “EXIST-RESIST”
IN THE TIMES OF THE BRAZILIAN
DICTATORSHIP: clashes of male
homosexuality in the university.
Have we reached the end?(!)

José Amaro da Costa

Doutor em Educação (Universidad Nacional de Rosario - UNR/Argentina)

E-mail: jaja.joseamaro@gmail.com





Resumo

Este artigo apresenta parte da pesquisa de doutorado, cujo objetivo central foi identificar os impactos e as sequelas da formação durante a graduação, devido às violências por orientação sexual e identidade de gênero com estudantes e egressos de universidades da cidade do Recife. Ecoa uma experiência homossexual masculina vivida na universidade pública do Recife durante a última ditadura militar instaurada no Brasil. O caminho metodológico tomado no estudo de natureza qualitativa foi *testemunho*, disparado através do *relato de si*. O discurso dessa memória pessoal, se configura como uma literatura de resistência (Jacques Derrida), cuja narrativa foi evocada pela história oral (Michel Pollak), descrevendo seu histórico masculino de vida, enquanto homem homossexual. A tese em boa medida, vai debulhando panorama das marcas da vida e o seu lugar abjeto de existir do estudante. Toda discussão, resultou em um mapa crítico, cujo testemunho do estudante chama atenção para sua historicidade em cima dos atributos da repressão na universidade. Tais mecanismos de controle e poder são confrontados com a sua voz e a sua pulsão de corpo masculino não convencional, através dos marcos da dominação social e cultural, reconhecidamente exposta nas expressões viado, bixa, florzinha, frango, baitola, pederasta e outros.

Palavras-chaves: Formação universitária, Homossexualidade, Identidade.

Abstract

This article presents part of the doctoral research, whose main objective was to identify the impacts and sequelae of undergraduate training due to violence due to sexual orientation and gender identity among students and graduates of universities in the city of Recife. It echoes a male homosexual experience lived at the public university of Recife during the last military dictatorship established in Brazil. The methodological path taken in the qualitative study was *testimony*, triggered through the *self-report*. The discourse of this personal memory is configured as a literature of resistance (Jacques Derrida), whose narrative was evoked by oral history (Michel Pollak), describing his male life history as a homosexual man. The thesis, to a large extent, threshes the panorama of the marks of life and its abject place of existence of the student. The whole discussion resulted in a critical map, whose testimony of the student draws attention to its historicity on top of the attributes of repression in the university. Such mechanisms of control and power are confronted with his voice and his unconventional male body drive, through the landmarks of social and cultural domination, admittedly exposed in the expressions, flower, chicken, baitola, pederast and others

Keywords: University education, Homosexuality, Identity.

INTRODUÇÃO

Embates com a cultura erótica de mesmo sexo na universidade

Este artigo lança um espectro multidisciplinar sobre a homossexualidade masculina vivida na universidade durante a última ditadura militar do Brasil. O convite é refletirmos fora de um essencialismo e de uma identidade estável, porém nada nos obrigará a isso. Nos situamos em uma educação como prática de liberdade (Paulo Freire, 1985) e na luta por pensamento crítico de bell hooks (2017), superando uma análise reducionista normativa nos parâmetros da “masculinidade” ainda presentes no debate público.

Tomando ao pé da letra, partimos de uma contestação homossexual que “emerge da essência da metafísica cuja constituição é determinada pela *Diferença*” (Heidegger, 2018, p. 7), contendo um comum pertencer. Na contramão das diferenças, o Estado e a Sociedade se unem contra os prazeres entre iguais, neste caso dos corpos masculinos, com “*uma postura essencialista em que as identidades e comportamentos decorrem de atributos inatos e naturais (ou naturalizados) dos corpos*” (Quinalha, 2022, p. 24). Isso sugere que é necessário adotar o princípio da identidade como uma de-cisão fora de um ideal normativo totalizante e

definidor da condição de pessoa por deliberação moral (Butler, 2018, p. 42-43). Em outras palavras, identidade fora de uma inteligibilidade cultural de sexualidade heteronormativa *“qualificada através das figuras da Maricona, da Bicha, do Viado”* (Hocquenghem, 1980, p. 8), portanto, uma *“identidade que recusa um fechamento identitário de quem cabe nessa lógica, e de quem é excluído” e que confronta as narrativas da humanidade, acontece e se forma transgressiva como resistência e que demanda externalidade* (Melo, 2024, p.17).

Cabe sublinhar o que costuma estreitar a vivência homossexual. Grande parte da discussão sociológica e dos significados sociais em relação à identidade vai pela eclosão de sentimentos e pelo questionamento se a nossa diferença é própria da constituição ou de uma construção. Essa pergunta pelo ser das coisas nos remete a Sayão: *“Estamos diante de uma “inaptidão em lidar com aquilo que é diferente, com tudo que foge às regras da normalidade impostas por um pensamento e um modo de ser totalitário”* (2014, p. 291).

Para discutir identidade, homossexualidade e formação acadêmica, João Antônio Mascarenhas (1927-1998), pioneiro do ativismo homossexual e fundador do grupo Triângulo Rosa no Brasil, é inspirador. Através dele, expressamos esse aparato a fim de dar vida ao que foi reprimido, censurado e a uma historicidade que vai ocupando um lugar de contestação e resistência. O encontro com o legado de Mascarenhas

inspira no sentido de desbloquear as segregações mais estritas da homossexualidade masculina na ditadura. O ativista representou o movimento homossexual na Assembleia Nacional Constituinte de 1988, da qual originou a atual Carta Magna. Defendeu a proibição da discriminação por orientação sexual (proposta amplamente rejeitada). Dessa sua experiência resultou a obra *A tríplice conexão: machismo, conservadorismo político e falso moralismo* muito instigadora para parte dessa narrativa que ora elaboramos.

Com todo cuidado quando estamos inspirados e acompanhados por um pensador como Mascarenhas, ressaltamos que os registros expostos aqui foram capturados por uma lente convergente tríplice, envolvendo *história, sociabilidade e desejo*.

Como se vê há várias possibilidades para iniciar o conteúdo, porém o marco inicial se origina em uma história pessoal de migração de Américo (nome fictício), estudante nascido em Garanhuns, interior de Pernambuco, que se mudou para a capital Recife na década de 1970. O objetivo era concorrer a uma vaga na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde veio a se graduar em Estatística e conviveu de 1977 a 1982.

Américo, se percebendo gay, entendia que a cidade do interior seria um território com mais obstáculos para viver plenamente uma sexualidade dissidente pela falta de espaços e de debates inclusivos quando comparados aos que

são possíveis nos grandes centros urbanos. Na década de 1970, eram muito evidentes a caricatura e o preconceito com o homem homossexual em toda parte do país. A condição espelhava desprezo, insultos aos afeminados e comentários jocosos aos discretos. Todos se viam encurralados na apologia aos padrões da moralidade e aos alarmes soados pela intolerância da ditadura. Essa legião de pessoas era classificada como desviante, anormal, obscena e imoral. Clandestinos ou não, eram sujeitos do pecado, doença e aptos às punições. *“As polícias estatais continuavam a aderir a um esquema no qual sexo entre os homens pertencia a um submundo obviamente estigmatizado e degenerado, povoado por pederastas (...) e vários desviantes e inconformados”* (Green e Quinalha, 2019, p. 32).

A fuga para a cidade que permitiria gozar do anonimato gay também foi o caminho percorrido pelo filósofo francês Didier Eribon trazido no livro *“Retorno a Reims”* (2008), sua cidade natal, que em memória autobiográfica descreve aspectos da origem social e da homofobia sofrida no ambiente doméstico. *“O gay quase sempre não encontra acolhimento na família. O lar, em vez de refúgio e segurança, é o lugar da violência mais insuportável”* (Quinalha, 2022, p. 22). E não é exagero afirmar que esse debate continua. Existe uma série de ruídos e incômodos deslegitimando corpos homossexuais. Um exemplo disso é que numa Bienal em

2019 de uma capital como Rio de Janeiro, representante do poder público municipal cismou que um gibi que mostrava dois homens se beijando (de forma afetiva), seria impróprio para menores, mas beijo entre héteros não era. Com esse olhar entende-se que a união libidinal de homens gays é perigosa e indigna para uma sociedade que rejeita e põe de lado padrões que escapam da cis-heteronormatividade.



Figura 1- história em quadrinhos dos vingadores

Na época, Marcelo Crivella, enquanto bispo licenciado da Igreja Universal, era prefeito (2017-2020) do Rio de Janeiro. Obteve apoio público com o argumento do perigo de crianças visualizarem e “querer ser gay porque viu no gibi”, ignorando o fato de que gays assistiram aos desenhos e filmes infantis com beijos entre héteros durante toda a infância e são gays.

Esse movimento desqualifica o homem gay associando-o a sujeitos indesejados na condição da vida humana, sofrendo as consequências em virtude dos seus desejos sexuais e sendo submetidos a humilhações em vários espaços institucionais, inclusive a família. São construções que *“Como se vê, essa abordagem flagra a falácia embutida na atitude masculina homofóbica enraizada nas inter-relações do patriarcado”* (Trevisan, 2021, p.199).

E, designado a desconstruir a herança do patriarcado, ao ler o título desse artigo com intencionalidade, compreende-se a organização textual em três vias. Na primeira delas, desenvolvemos questões no campo da formação acadêmica no Centro de Ciências Exatas de uma Universidade pública do Recife durante a última ditadura militar do Brasil (1964-1985). Essa via seguirá mediada pela motivação para ingressar na universidade. A cidade em que o estudante desse relato nasceu e cresceu ofertava naquela ocasião formação máxima até o ensino médio.

Na segunda via, conterà seções sobre sociabilidade e desejo de forma mais ampla e aspectos sobre orientação sexual, dando luz ao debate sexo-gênero como ameaça aos bons costumes em um regime político e ideológico de repressão.

Em seguida, a terceira via, aborda que para *existir e ao mesmo tempo resistir* é preciso ativismos pessoais e coletivos dadas as perturbações imperantes com a homossexualidade masculina e com uma educação universitária aberta,

democrática e livre. Explicitamente, trata-se de aspectos fundantes, deliberadamente inimigos da sociedade e do Estado beneficiário da ditadura, e conflitantes com os tempos atuais. Se chegamos ao fim, portanto, pode funcionar como uma pergunta ou uma afirmação.

Após traçar essa linha de pensamento, o fio condutor da narrativa realizada será em forma de testemunho com relato de si. Contar uma história sobre si não é o mesmo que dar um relato de si (Butler, 2017, p. 23). Histórias e relatos de vida como ferramenta-chave em metodologia qualitativa requerem o estabelecimento da diferença encontrada em Kornblit (2007). A primeira implica em um rastreamento geral e detalhado da trajetória vital de um indivíduo. Já os relatos de vida são narrações biográficas acolhidas por um objeto de estudo do investigador que realiza entrevistas a um número variável de pessoas que transitaram pela mesma experiência.

O testemunho opera “uma inteligência sensível” ou “inteligência moral” próxima da resiliência humana e gera uma transmissão viva do conhecimento pelo diálogo, o qual emerge da experiência educativa (Pierron, 2010).

Todo testemunho é único e insubstituível. O testemunho como evento singular desafia a linguagem e o ouvinte. Sabemos que a fragmentação do real, o colapso do testemunho do mundo, como vimos, emperra sua passagem

e tradução para o simbólico. A conhecida literalidade da cena traumática - ou o achatamento de suas imagens, que vimos acima - trava a simbolização. Mas ao se reafirmar esta singularidade absoluta do testemunho barra-se a possibilidade de sua repetição e sinapse com o simbólico, sempre assombrado pela possibilidade da sua ficcionalização (Seligmann-Silva, p.75 2008).

É assim que compreendemos o testemunho enquanto procedimento metodológico onde se abre uma temática original e muito ampla. Do testemunho, desponta como possibilidade de articulação entre o domínio do patriarcado e a elaboração da segregação econômica no momento histórico, as violências discriminatórias da ditadura. Passam então a revelar um teor representacional e a narrativa histórica que Quinalha menciona:

[...] apesar do golpe ter sido planejado por um número limitado de militares de alta patente, em especial coronéis e generais do Exército, a verdade é que as Forças Armadas tomaram o poder no primeiro de abril de 1964 com amplo apoio de setores das classes médias, da igreja católica, do empresariado, dos latifundiários e do governo norte-americano (2023, p.18).

A *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* ocorrida em 19 de março de 1964 ilustra esse período. Essa manifestação pública foi um movimento religioso e conservador de grupos antipopulistas e anticomunistas contrários

às reformas de base propostas pelo então presidente da República João Goulart (1961-1964). “Esta manifestação popular é uma prova de que São Paulo e o Brasil querem ver sua bandeira eternamente livre. A liberdade é como a saúde: somente lhe damos valor depois que a perdemos. Queremos paz, tranquilidade. E, sobretudo, exigimos respeito à Constituição e às instituições democráticas” proferiu Cyro Albuquerque, deputado estadual de São Paulo e então presidente da Assembleia Legislativa. Depois ele se filiaria à Arena (Aliança Renovadora Nacional), partido da base de apoio da ditadura militar.

Acrescente-se também no apoio ditatorial a participação de veículos de imprensa, de alguns acadêmicos e ministros de Estado com grande influência, como Delfim Netto (1928-2024), um czar da economia e signatário do AI-5 (Ato Institucional), considerado o mais violento instrumento jurídico do regime militar.

A homossexualidade era um assunto que tensionava aspectos validados pela igreja, governo, famílias e instituições militares que perseguiram a liberdade do pensamento na universidade e demonizavam práticas não normativas sob a égide de colocar em risco a moralidade. Conservadores e defensores de plantão lançavam indignação, violência e tortura para quem apresentasse traços desagregadores à ordem. A repressão homossexual era o triunfo em toda parte, fosse capital ou interior.

A informação da origem interiorana do entrevistado foi o sinal para buscar introduzir aspectos da sexualidade na condição de jovem estudante e se percebendo gay. Ele se expressa assim:

Muito difícil, né! Porque eu sabia que eu era gay. Nunca tinha tido nenhuma experiência. E... E... fazia aquele jogo, n, de esconder o máximo possível. Claro que você termina não escondendo, né! Escapa muita coisa.

E realmente você... é pressionado de todos os lados. Você é pressionado pra ter uma namorada. Você é pressionado para ter....é... por tudo, né? Pra gostar de ir na zona com os colegas, né? No prostíbulo. Você é pressionado pra servir o exército, e eu não queria.

Agora, você é pressionado por tudo, né? Uma cidade do interior, ela cobra você por todos os lados pra você ter um comportamento padrão, né? E eu, de certa forma, fingia que tinha esse comportamento padrão. Porque eu com 16, 17 anos, não ia encarar isso numa cidade de interior. Eu não queria ser a “Geni” da cidade, né!

No relato o estudante percebe-se gay “como advierte Eve Sedgwick, para todo niño gay o transgénero, su nacimiento y reconocimiento es leído como un símbolo de la muerte de un niño heterosexual” (Facu Saxe, 2024, p. 11). Nos anos 70 e no interior do nordeste, era afrontar toda uma cultura machista.

A expressão “gay” vem do inglês e naquele idioma, antigamente, significava “alegre”. A mudança do significado

para nomear os homossexuais remonta os anos 1930 e se estabeleceu nos anos 1960 como o termo preferido por homossexuais para se autodescreverem.

Com papéis sociais e sexuais rígidos era quase impossível não ser identificado quando escapava algo do padrão a ser seguido. Isso está associado à ideia apresentada por Green “quando uma família descobre que um filho é gay, pais e parentes podem vir a tolerar esse fato, contanto que ele não seja abertamente efeminado e que as pessoas fora da família não saibam. Está implícita uma política do “não pergunto, não me conte” (2019, p. 37).

A pressão social masculina vivida por Américo coincide com tantas outras por se tratar de movimentos complexos de normas e regimes regulatórios para performar a masculinidade que se instalam “*carregados sempre de hostilidade e violências, que nos chegam desde a mais tenra infância: “menininha”, “viadinho”, “bichinha” são os xingamentos mais comuns para meninos*” (Quinalha, 2022, p. 33). “O insulto, no entanto, assume sua proporção específica no tempo. Uma das primeiras formas de injúria linguística que se aprende é ser chamado de algo (...) ao ser chamada de algo injurioso ela é menosprezada e humilhada” (Butler, 2021, p. 12-13).

Nessa linha, a menção de Américo sobre as dimensões da *dominação masculina* ao servir o exército e frequentar bordéis demonstra os ultrajes internos do gay e esmaga a

sua interioridade ao não se identificar com a masculinidade exigida e disseminada socialmente. Enquanto manifestação e hábitos produzidos, se aproxima do pensamento de Preciado em “Eu sou o monstro que vos fala”:

Eu não tinha, contudo, nenhum desejo de me tornar um homem como os outros. Sua violência e arrogância política não exerciam sobre mim nenhuma sedução. Não tinha a menor inveja de me tornar isso que as crianças da burguesia branca chamavam de seres normais ou de boa saúde. Queria apenas uma saída: não importava qual (Preciado, 2022, p. 21).

As tendências naturais dos rapazes heterossexuais difundidas consistiam na ilusão do ciclo biológico que ser homem era também exibir a fama social-sexual em espaços de prostituição feminina. A forma de dominação presente traçava uma estrutura de sexualidade indiscutível por pressupostos presentes do patriarcado e do machismo irredutível.

A sexualidade em um sistema simbólico culturalmente recomendava ostentar a farda do exército. Isso assumia um caráter apropriado para o período e, antes de tudo, era para os simpatizantes e para a família repressora um orgulho enorme proclamado em altos brados com hinos e na apresentação dos desfiles comemorativos montados em carros-tanque, exibindo armas e o glamour do macho.

Note-se a referência à música de Chico Buarque Geni e o Zepelim, gravada em 1979, em não querer ser a Geni da cidade. A letra narra a personagem representando o oprimido como uma crítica a essas estruturas. A letra da música mostra muito bem o desprezo e a humilhação que Geni passava na cidade.

*Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni*

O viado¹ é apenas um objeto sexual para os muitos homens que estão fora da comunidade, embora pratiquem sexo com outros. Principalmente para aqueles que são ativos na relação. Esses atribuem à bixa o papel de mulher e não colocam sua sexualidade em discussão nem sob suspeita. A fixação está no desempenho de usar o pênis nos moldes heterossexuais (Sayão, 2023). Américo carrega as marcas de viver uma masculinidade dominante, o que hoje aproximamos também do conceito de uma masculinidade tóxica naquela fase da vida. Isso nos faz lembrar Butler

1 Viado com i - intencionalmente escrito com "i" traz uma carga semântica negativa e ofensiva para os homossexuais masculinos como discriminação e preconceito. O termo foi apropriado, ressignificado e empregado enquanto resistência.

(2017, p. 47) citando Wittig ao comentar que “a derrubada da heterossexualidade compulsória irá inaugurar um verdadeiro humanismo da “pessoa”, livre dos grilhões do sexo”.

Outro aspecto importante é que essa entrevista ocorreu durante o confinamento a que a sociedade estava submetida desde o mês de março/2020 em virtude da Covid-19. O pavor da pandemia e ele como esquerdista foram um ambiente fértil para abrir espaço e falar sobre a política nacional e problematizar questões que ele trazia sobre violências. Ele articulou o seguinte:

Criatura, esse é um tema que não gosto muito por me fazer lembrar de tantas coisas horríveis que se passa na sociedade... Sou uma pessoa pacata e esses programas de notícias da TV que trazem isso não me prendem. E, de fato, não assisto. Mesmo assim, não tem jeito, porque ocupam quase todos os espaços de notícias.

Olha só... tem os crimes, mas tem de tudo também, vai de... as violências variadas com homossexuais, com mulheres, idosos. Tem a violência na política com esse homem que tá na presidência na república e diante de tantos desmandos. E agora incentivando as aglomerações como nesse domingo. Você viu o que ele fez em Brasília. Não sei onde vamos parar.

O homem na presidência da república mencionado por Américo tratava-se de Jair Bolsonaro, que governou o Brasil de 2019 a 2022 com constantes falas polêmicas envolvendo misoginia e homofobia. Uma delas é que preferia ter um

filho morto a ser homossexual e que só teria gerado filhos homens, só que deu uma fraquejada e nasceu uma mulher.

Sem grandes pretensões conceituais o estudante apresenta sua compreensão sobre violência da seguinte forma:

Violência é você ser colocado em risco.... da sua integridade... das...da... da sua, as coisas que você possui. Isso é a violência que você tem medo, né? Hoje, aqui na porta de casa. Agora naquela época não tinha muito, assim, o máximo que roubavam da gente era um trancelim.

Note nesse recorte a sua forma espontânea que menciona a realidade atual e a compara com o contexto de tempos passados sobre integridade da vida e roubo de objetos pessoais. De fato, o cenário é outro.

Paralelamente a isso, já se buscou explicações para a homossexualidade de diferentes maneiras científicas como identificar raízes genéticas de cromossomo gay, base hormonal, falhas químicas, grávidas ansiosas (Trevisan, 2002) e tendência natural, tudo com muitas explicações infundadas.

Formação acadêmica

Enquanto formação, “a *Bildung*² constituiu-se historicamente em um conjunto de valores, esforços e faculdades éticos,

- 2 *Bildung* – No ocidente, reside na perspectiva formativa e em constante tensão. Numa perspectiva Nietzscheana enquanto cultivo de si e autoformação constitui-se, portanto, numa tarefa estética e consequentemente ética por apontar para a vida em sua concretude (Rajobac, 2016, p.24)

estéticos, religiosos e culturais capazes de elevar seres humanos, livres e autônomos à humanidade” (Rajobac, 2016, p. 39). Esse é o impulso para mergulhar no universo da experiência universitária brasileira.

Nessa perspectiva, ingressar na universidade nos anos 70, diante da escassez de vagas e um número pequeno de brasileiros universitários, além do diferencial cultural, trazia possibilidades amplas de oportunidades profissionais e ascensão social. Era uma formação que se conectava com uma autonomia pessoal, social e econômica, mas ao mesmo tempo cruzava com um pensamento escoltado na ideologia política e com a naturalidade da violência policial para os não submissos, rebeldes. Neste contexto, universitários e artistas driblavam e desafiavam o autoritarismo. Compreender a relação entre o ato e a estrutura ou sistema proposto é uma questão que se expande em Butler: *“para compreendermos a violência estrutural ou sistêmica, é necessário irmos além das explicações racionais que limitam nosso entendimento acerca de como funciona a violência”* (2021, p. 19). Michel Foucault na obra *“Vigiar e Punir”* (1975) reflete e mostra a densidade no modo de pensar, de governar e de se fazer política social no mundo ocidental.

Entendemos que o autoritarismo político da ditadura se somava às marcas da sociedade colonial escravista, da chamada *“cultura senhorial”* ignorando as desigualdades

com as mulheres, trabalhadores, negros, indígenas ou como monstruosidade no caso dos homossexuais (Chauí, 2001).

Em relação ao pensamento de Chauí, como era uma sociedade que se espelhava no colonialismo, o sistema universitário também seguia padrões europeus e americanos de formação. A Lei da Reforma Universitária (Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968) fixou as normas de organização e funcionamento do ensino superior e estabeleceu a organização do currículo em duas etapas: O básico e o de formação profissionalizante, na prática era um “sistema copiado das “*research universities*” norte-americanas, e implantado, por um ato legal para todo o país” (Sampaio, 2008, p. 16).

No caso de Américo, o ciclo básico do curso de Estatística tinha um ambiente composto por outros alunos de Ciência Exatas: todas as engenharias e informática.

É, exatamente! Porque veja, eu fazia Cálculo.

Eu fazia no Departamento de Engenharia. Eu também fazia não sei o que no departamento de informática. Então era um... era um departamento muito masculino.

Tal leitura complexifica ainda mais a referência feita. A universidade abrigava um universo predominantemente masculinista como algo estabelecido na cultura social. Dobrar-se a esse ambiente para cursar cálculo, engenharia,

tecnologia, que seriam áreas e conhecimentos típicos para homens, potencializava um sofrimento psíquico direto e (in)consciente. Contrariando essa noção, transgredir, transitar e viver uma sexualidade gay causava estranhamentos?

Naquela época, muito poucas pessoas tinham coragem de se expor. Sair do armário e tal.

Então, como eu também não ia ficar com a arma apontando: quem é? quem é?, eu não fazia o jogo careta, de ficar fingindo que não era. Mas também não podia chegar de baiana num lugar desse que eu ia ser escorraçado, né?

E aí o pessoal me via mais como um doido, hippão!

Ser confundido como “estranho” era o conforto encontrado para realizar o seu curso e ao mesmo tempo não ser incomodado em função de sua orientação sexual. Isso proporciona debater violências a que esses estudantes estavam submetidos em virtude de serem rejeitados. Estamos diante do patriarcado como estrutura social baseada no controle e no medo

“Enquanto o sexo entre mulheres não chamou a atenção de policiais focados na “homossexualidade” como tal, as autoridades demonstraram muita preocupação sobre a homossexualidade masculina (...) denunciaram como estratégia sub-reptícia e deliberada como inimigos do estado e da sociedade” (Green e Quinalha, 2019, p. 32). Em virtude do universo masculino dominante

na universidade em número de alunos, sobre a existência e visibilidade de mulheres lésbicas no curso, comentou:

Eu conheci uma que ficou minha amiga até hoje também, né! Ela era do Departamento de Engenharia....Engenharia.... de.... Fazia cálculo. E eu conheci ela lá. E ela... com o jeitão não tinha pra onde correr, né! Aí a gente ficou amigo. Aí eu fui conhecendo essas pessoas, sabe! Então a coisa foi... Eu fui amadurecendo com essas pessoas, com essas atitudes. Agora nunca parti pra baixaria, sabe! Assim, sempre fui muito...muito, muito comportado. (risos).

Para vencer a opressão e a repressão, homossexuais buscam cumplicidade do sexo oposto para se defenderem ainda que inconscientemente. E ao realizar essa aproximação, constroem alianças uma vez que mulheres também são vítimas do patriarcado e de um machismo tóxico. A construção de relações com pretexto de proteção era uma forma de conter os riscos de a corrente dominante rejeitá-los, comportamento que imperava no universo heteronormativo.

Durante a narrativa, o estudante mencionou que tinha um jeito peculiar, que chegava na universidade de mobilete, cabeludo, roupas extravagantes, coloridas, fugindo do padrão, então dessa forma era respeitado:

Não! Não! Agora eu sempre me impus (...). Eu sempre disse que eu era um viado bofe. Porque se brincasse eu me enrolava no

chão, eu sempre fui bravo. Eu me defendi do meu pai, e ele me ensinou a me defender dos outros também.

Eu era... eu era mais macho que...sabe viado macho? Não deixava não! Brincou comigo.... se fosse por brincadeira tudo bem, agora se fosse por gracinha eu não deixava não. Eu rodava a mão.

A inscrição da homossexualidade no cenário de violências é parte do contexto histórico e denunciada através dos casos em que no banheiro há escritos expondo a orientação sexual da pessoa.

Essa cultura marcada por tradição oral, escrita e pauta de costumes tem dificuldade de compreender variações e características da diversidade. Massacra e coloca quem nada contra a correnteza em situações de conflitos como:

Embora não jogasse isso aos quatro cantos da sala que era gay, não me esforçava para esconder.

Na graduação coincidia com o movimento hippie, então usava roupas e cabelos que confundiam o gay com o movimento Sou uma figura por natureza alegre e bem resolvido com minha orientação sexual, mas também fico triste e as lágrimas se aproximam dos meus olhos... Numa dessas disciplinas desafiadoras de cálculo Integral e Diferencial, terror para quem cursa Ciências Exatas, e ainda mais com um professor carrasco que tinha orgasmos em ver a turma rebolar para passar em suas provas, um gesto realizado em público foi suficiente para matar um pedaço de mim, quando uma amizade foi rompida através de um abraço sem malícia.

Morreu porque o abraço me afetou de maneira negativa. Morreu porque ouvi ecoar em meus ouvidos um êeeehhh, tão namorando eim!!! Por boa parte da sala fazendo esse coro.

“Obviamente qualquer explanação de violência que não possa explicar com o soco, golpe, fracassa tanto descritiva como analiticamente” (Butler, 2021, p. 20). Como operava na política uma censura, engajar-se nas atrocidades que esse modelo promovia era simples e fácil. É um regime sem pudores para cometer atrocidades e deixar traumas marcantes nas vidas das pessoas impactadas. O relato a seguir espelha o fascínio pela injúria e por cometer julgamentos para defender moralidades contra a argumentação do coração.

É! Por conta de um beijo...eu tinha um amigo, que eu era louco por ele na faculdade, ele me deu um beijo. Mas foi um beijo de boy, de rapaz bêbado.

Ele que me deu. Mais não foi um beijo, foi um cheiro. E botaram isso no banheiro, mas eu não apaguei, mas também não fiz nada, sabe?

...porque um boy ali, ele teria ido apagar, né! Eu não me importei.

Utilizando a fala do estudante, há situações que, em função de sua orientação sexual, levaram a injúrias, expondo como forma de constrangimento o preconceito no banheiro público que costumava usar. A reação parece exigir que o aluno vivesse sua sexualidade “de certa forma invisível”. Existia uma resistência e um posicionamento violento. Essa situação ressalta a importância de uma educação voltada para a diversidade onde *“ela possa gerar repercussões para uma pedagogia de justiça social que invista em identidades sociais*

singulares e desmonte as categorias de identidades únicas, vítima ou vitimado” (Wallcott, in Bagoas, 2007, p. 34).

Constatamos a marca negativa na trajetória de graduação quando um gesto afetivo entre estudantes do mesmo sexo causa interpretação tóxica e dá origem ao que denominamos *violência gestual*.

O gesto está nas discussões inclusive acadêmicas como integrante do sistema de linguagem e é também explicado a partir das estruturas comportamentais em atos da interação humana. Dessa forma, culturalmente tem seus significados diferentes e classificatórios nos referenciais sociais. Numa cultura predominantemente machista, alguns afetos entre pessoas do mesmo sexo estão sujeitos a julgamentos, boa parte das vezes ricos de equívocos ou de certa forma improcedentes. É o caso do relato que veremos a seguir:

Conquistei a amizade com um rapaz hetero. Repito, amizade. Estudamos o semestre juntos, sofriamos o terror da disciplina juntos e na prova final tínhamos certeza que não passaríamos. Na divulgação do resultado fomos aprovados e inocentemente ao conhecer o resultado, nos abraçamos para comemorar na frente de todo mundo em plena sala. Eu não tinha problema nenhum de ser chamado “viado”, mas esse meu colega não suportou a ideia com escritos na porta do banheiro e brincadeiras sem graça. Daquele dia do abraço em diante, a amizade foi esfriando até seria rompida. Eu encarava essa turma com olhos de nojo. E eu confesso que morri por dentro, porque

teria que aguentar aqueles olhares maldosos até me formar e para mim aquelas pessoas haviam matado um coleguismo que me fazia bem.

O que chama a atenção é a expressão morte como experiência de natureza psicossocial para uma pessoa que se percebe alegre e com a orientação sexual bem resolvida.

Percebemos então a reprodução de um discurso sobre uma disciplina que ganha no curso o *status* de complicada e desafiadora, acompanhada do estilo do professor considerado carrasco que sentia prazer em ver o sofrimento da turma para ser aprovada.

Outro elemento que surge é a reação dos colegas, seus pares na turma, como nociva à convivência. Distorce o afeto, julga e propaga uma inverdade sobre uma relação de amizade. Há de se compreender que estamos falando de uma década muito diferente de hoje cujos referenciais de orientação sexual e identidade de gênero têm avançado e também assumem novos caminhos. Era um cenário conservador num centro de exatas e tecnologia, predominantemente machista que repudiava outras expressões de sexualidade na universidade.

A rede de relações formada na universidade é fundamental para as atividades, e ter colegas de turma heterossexuais era parte dessa experiência.

Eu fui forte. Fui forte da maneira que eu conseguia ver meu ex-amigo naquele grupo machista e que certamente caçoavam de mim. E quando o meu cérebro revivia a cena, as lágrimas insistiam em querer rolar em meus olhos.

Dar a volta por cima é parte da vida gay. Eu confesso que sentia falta daquela amizade sincera e atividades em grupo. Daí pra frente me magoavam, porque aquela gente era falsa e não tinha mais vontade de ser amigo de outros. Até sem grupo ficava por opção sempre que era optativa as atividades. Alguns associavam que eu tinha mudado com eles e de fato tinha, mas não dava bola. Era tarde pra remediar.

Carrega desse episódio as seguintes marcas:

- Reconhecer o machismo e ver seu amigo em companhia de outros divertirem-se às custas da sua orientação sexual.
- Tristeza de saber que tal construção social poderia ser evitada.
- Não se motivava a se aproximar dos outros e quando os outros mencionavam a mudança de atitude em relação a eles, passava por cima. De fato, tinha mudado, e era tarde para uma reconciliação.
- Sentir pela ausência da amizade e isolar-se, ficando sem grupo em atividades quando permitido pelo docente.

Sobre o período histórico-político da ocasião ele diz:

*Era uma época muito dura, né! Quer dizer, de militares no poder.
Os militares não queriam viados pra cima e pra baixo, não.*

Certamente estava se referindo ao medo e ao pessimismo instalados no país com o regime ditatorial, um sentimento de desolação diante da situação política e as medidas arbitrárias. O governo militar de direita agia com a “censura” para as manifestações consideradas subversivas, incluindo as de cunho artístico-cultural que violavam “a moral e os bons costumes” (Green, 2019, p. 407-408).

Na ditadura, se o debate da educação universitária era desafiador, vivenciar uma sexualidade que não fosse a heterossexual era um pedido para ser perseguido e ser tratado como doente, pecador, representar um perigo social e um atentado à família. Esse “modo de ser” era considerado parte de uma “conspiração comunista”, e foram utilizados diversos recursos para combater isso como a discriminação nos locais de trabalho, assédios, decretos e uma ampla campanha pela moral e os bons costumes.

Podemos, portanto, desvendar que a homossexualidade trazia uma vergonha para nós mesmos, para os pais, continuava com amigos e se estendia para ambientes como escola e trabalho. Logo, minar e estigmatizar a homossexualidade

era o caminho para oprimir e combater uma sexualidade desviante do modelo moral.

Nos anos setenta, professores da Universidade Federal de Goiás adquiriram o livro de contos *Os Caminhos do Absurdo* e *O Triunfo da Estupidez*. O Serviço Nacional de Informações (SNI) os considerou subversivos essas obras conterem o termo “homossexual”. Essa era uma palavra obscena e não se devia abordar assuntos tidos como imorais ou de influência comunista em meios de comunicação social.

No início dos anos oitenta, qualquer atividade que envolvesse ativistas feministas, negros ou homossexuais se tornaria um foco de vigilância e suspeição como, por exemplo, o 1º festival (inter)nacional da Mulher nas Artes, organizado por Ruth Escobar na Universidade de São Paulo (USP). Para o SNI, como para outros policiais, estas categorias pareciam componentes de um todo que envolvia homossexualidade, “licenciosidade” e feminismo e faziam parte de uma campanha mais ampla “ofendendo a moral brasileira e favorecendo os objetivos do comunismo” (Cowan, 2019, p. 48-49). Além de me remeter às observações de Cowan, fazemos eco às contundentes análises de Trevisan (2021), onde o sistema masculino hegemônico evidencia o modo obcecado com afirmações de virilidade apoiada no jogo ambicioso da virilidade e de uma sociedade que mergulha nos estereótipos da masculinidade ideal. “*De algum modo,*

o desenvolvimento da masculinidade deve ser provocado, sob o risco de não a despertar, e precisar ser protegido com proibições rigorosas” (ibidem, p.58, 2021). Olhar para esse conjunto de experiência dialoga com o que trataremos a seguir.

Sociabilidade e desejo homossexual enquanto ameaça moral aos bons costumes

Em nome da moral e dos bons costumes sociais, a liberação do desejo masculino estava censurada e provocava ódio gratuito com risco de violências e até de morte. Nesse aspecto, Trevisan fala da necessidade de se encaixar em determinado estereótipo para manter-se seguro.

A postura do guei-macho ou bicha-barbie, através da qual homens homossexuais passaram a procurar mais do que nunca viver dentro dos padrões sociais de normalidade, enfatizando de modo deliberado sua constituição viril e evitando até agressivamente a proximidade de estereótipos efeminados, num alarmante culto à misoginia (Trevisan, 2002, p. 38).

Esse comportamento é definido por Stoller como “*a aparência de uma substância permanente ou de um eu com traços de gênero que estão produzidos e regulados pelas linhas de coerência culturalmente estabelecidas*” (Butler apud Stoller, 2018, p. 55). A abertura desse processo de ser autêntico seria complexa e vagarosa, pois o sistema social incentivava e disparava

a condenação moral desses homens que confirmavam experiências não totalitárias da cis-heteronormatividade.

Logo que ingressou na universidade, e reconhecendo que gozava de uma sensibilidade típica dos homossexuais, ou seja, fora dos padrões heteronormativos e envolvendo arte, teatro e literatura, já intencionava que, após formado, continuaria vivendo na capital, ainda que distante de sua família de origem. Liberdade na sua vida social e sexual eram fundamentais.

A proximidade e a possibilidade de acesso ao teatro, cinema, música, literatura na metrópole o fascinava e despertava muito o seu interesse. Seu depoimento revela a transformação na vida de um jovem interiorano que, em contato com a efervescência cultural e política do Recife, conheceu outro mundo e despertou para um olhar mais crítico e mais politizado.

Foi estudando na casa de uma amiga que recebeu o convite do irmão mais velho dela para irem assistir ao show “Doces Bárbaros”³, um importante acontecimento na cena musical da época. Na volta, a pensão onde o estudante vivia estava fechada e foram dormir juntos. Na ocasião,

3 Doces Bárbaros foi um grupo formado pelos atuais cantores da Música Popular Brasileira: Maria Bethânia, Gal Costa, Gilberto Gil e Caetano Veloso, em 1976. Pode ser descrita como uma típica banda *hippie* dos anos 70, mas sua característica marcante era a brasilidade e o regionalismo, naturalidade de todos os integrantes.

concretizou-se uma experiência significativa do desejo de sua sexualidade gay.

A essa altura, já estava vivendo intensamente experiências de sua sexualidade gay no Recife em espaços clandestinos e marginalizados pela sociedade.

Ao longo da entrevista, surgiu uma informação por parte do entrevistado que nos anos 70, anos 80, era moderno ter um amigo gay. Você gostava de protagonizar esse papel?

Não. Eu não gostava e nem desgostava. Eu não tinha consciência disso. Essa frase é de hoje. Né! Assim, hoje é que eu leio, eu leio isso. Mas na época, na época essa consciência não era muito clara não. Sabe! Aí hoje é que eu vejo, sabe? Engraçado, né, porque como eu tinha muitos amigos e eu achava assim, né, aí brincavam comigo. Alguns já sabiam, já no meio do curso, como Carla que mora em Moreno e é minha amiga até hoje. Zélia, que mora no Peru. Cristina... esse povo todo. Que ainda estão vivos, ainda são meus amigos. Essas pessoas sabiam. Sabiam mesmo, porque eu tinha contado. Porque eu já tinha revelado algum namoro, alguma paquera, e elas eram minhas amigas. Aí às vezes eu achava...hoje que eu digo: rapaz, era moderno, né? Então hoje...até uma época dessa não é muito longe, não, é moderno ter um amigo viado, né?

Considerando a estrutura convencional de sexualidade, aqui surgem aspectos de uma paródia com o sexo, situação encontrada também na obra de Butler para discutir a categoria mulher. Não há, portanto, o exercício constante de

ser mulher. Travestir-se na imitação da cantora Gal Costa resultava num artifício flutuante de liberdade. Sobre se apresentar e ocupar esse lugar, nesse papel, responde:

Não! Assim, por exemplo, eu morava lá no edifício Sion⁴, depois que eu já melhorei de vida um pouquinho.

Fui dividir apartamento com Carlos Alfredo no edifício Sion. E lá era um edifício bem doido, né, porque era de kitnet. A vizinha que morava era uma rapariga. Aí morava eu e Carlinhos no apartamento. Aí um Fulano ia fazer uma festa na casa dele de fantasia. E eu fui de quê? Fui de Gal. Mas eu não poderia jamais...é...eu ... Aí eu saía pronto da minha casa já. Eu ia chegar na festa arrasando! Mas era tudo uma brincadeira. Entendeu? Por que é que eu não ia de cangaceiro?

Recordamos aqui as transgressões aos modelos existentes. No tropo circulante da atualidade é o que faz a drag queen⁵ voluntariamente fazendo repensar a identidade do gênero através de uma performance. Ela se monta para aparentar uma personagem numa prática de significação fora de um constructo unívoco em que uma paródia dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada (Butler, 2018, p. 238).

4 Edifício sion é o nome de um edifício na principal avenida do centro da cidade do Recife-PE.

5 Drag Queens e atores transformistas certamente manifestam com mais clareza esse jogo ambíguo da identidade. Também para Butler (2003), a identidade de gênero é significada pelas relações sociais e pela cultura, sendo despregada do sexo biológico do indivíduo.

(...)Claudinho me emprestou, porque ele morava numa cidade de frio, um casaco bem grosso que ia até o joelho. E eu e terminei de me aprontar. E vê a disparidade: terminei de me aprontar, na Avenida Boa Viagem⁶ naquela época era mão dupla. Eu marquei com Jô, que ia pra lá também. Já morreu inclusive. Ele gostava de maquiagem, essas coisas. Aí ele disse: não, você não vai com a cara assim não. Tem que maquiagem. Fez aquela maquiagem de Gal, aquela que ela tinha as flores no cabelo. E olha onde eu fui me maquiagem, debaixo de um poste na avenida Boa Viagem. Os carros passando e gritavam: Frango! Viado! Ah, mas isso tudo era uma graça. Entendeu?

A fala do entrevistado naturaliza a violência do insulto. “O incidente do insulto evolui para humilhações. O xingamento à singularidade de uma pessoa pode reverberar situações catastróficas individuais e sociais” (Maia, 2022, p. 44). Certamente ele não percebia a atitude dele e desconhecia essa lógica. Ao tomar conhecimento, concordou que o comportamento dele de achar graça acabava de certa forma dando continuidade a essas violências.

Era um insulto! Mas a gente fazia por conta disso. A gente era transgressor. Agora, a gente não era transgressor com carteirinha. Eu não deixava de fazer as coisas. Agora se me pedisse: me dê a sua carteirinha. Tenho não! Eu nunca quis carteirinha de porra nenhuma. (risos)

6 Bairro localizado na zona sul da cidade do Recife onde está a praia mais famosa da cidade e moradores de poder aquisitivo elevado.

O modelo de operacionalização generalizadamente repressivo não rompe as estruturas e impede a busca por novas possibilidades, outros mundos. O filme *O Insulto* de 2018, aborda as diferenças e ilustra o quanto o lugar do outro é incompreensível. A história se passa entre um palestino e um libanês que pertencem a mundos diferentes. Por isso o deslocamento subversivo coloca em evidência outras formas menos restritivas de identidades de gênero e sexualidades.

“pode-se dizer que o que nos falta hoje é uma autocrítica que nos possa colocar diante da vida de braços abertos, aceitando o fato de que somos afetados pela vida, que somos vulneráveis diante dela e que há muitos elementos sobre os quais não podemos poder” (Sayão, 2014, p. 293).

Assim é que o desejo homossexual reprimido no contexto rígido, como o do período da ditadura, e cheio de obstáculos à ligação de liberdades e quando a categoria homem da forma mais convencional era superior, agora necessita expressar-se e implicar-se fora dos domínios fechados da masculinidade.

O “existir-resistir” homossexual masculino na universidade diante dos embates da sociedade e do Estado

No ato de narrar a própria história - existir, Américo, ao acaso, toca sutilmente nos ativismos pessoais e coletivos

em relação à violação dos direitos humanos que cresciam significativamente. De 1964 a 1985, o cotidiano da vida privada brigava por espaço social. Ir contra o regime totalitário era complexo, e a abertura para a homossexualidade emergia no carnaval e nas produções culturais da TV, teatro e jornais alternativos, que se destinavam à comunidade e curiosos, logo depois ampliada para revistas temáticas. Pergunto se o anonimato era a opção.

Claro! Agora se você me pergunta. Você conheceu alguém que foi torturado e preso por ser viado? Não, nunca! Mais não era de bom tom você se expor dessa forma. Eu nunca me escondi, mas também nunca me expus.

Na verdade, vivia-se na clandestinidade como forma de apagamento das sexualidades dissidentes. Havia temor e intolerância do Estado apoiado pelos conservadores. Contudo existiam redutos para diversão das bixas em discotecas, praias e até como pontos de prostituição.

Outro espaço em que discussões políticas e sociais aconteciam ou deveriam acontecer era o diretório central de estudantes (DCE). Américo fala sobre frequentar reuniões proibidas no DCE e o interesse pela política, e se nesses espaços percebia outras sexualidades dissidentes.

Não! Na verdade, não era o DCE. Era assim: lá na faculdade, é por que era.... era uma conquista da faculdade ter a sala dos

estudantes, entendeu? A faculdade tinha a sala dos estudantes na engenharia. É claro que o que rolava na sala dos estudantes era política, né? Às vezes eu passava lá, mas eu nunca me enquadrei, eu nunca me enturmei, não. Mas o que eu ia eram reuniões na faculdade. Não era no DCE. Eram no pátio. Na escola de Engenharia tinha um saguão de entrada grande, e as reuniões eram ali. Então eu ia ver o que era que rolava. Eu ia e me interessava pra saber o que estava acontecendo. Sempre fui curioso! E eu gostava de saber o que estava acontecendo no meu entorno e tal. Mas nunca me filiei a partidos, a movimentos, nada disso, não. Até hoje. Eu nunca quis. Eu nunca... o único movimento que eu me filiei foi religioso, e hoje nem quero mais.

Apesar da censura, existia uma militância nas universidades que se somava às esquerdas clandestinas e setores progressistas da igreja católica dispostos a mudar o regime mediante processo de abertura política. Todas essas atividades produziam lideranças visionárias capazes de lutar e desejar novos rumos para o país apesar das arbitrariedades do regime militar.

Entre as várias questões apresentadas e fazendo alusão à universidade como espaço de cabeças pensantes, produtora de movimentos e geradora de lideranças, o questionamento proposto foi sobre o final dos anos 70 e início dos anos 80 em que se deu o processo de abertura democrática. Como percebia a política na universidade?

Já estava, no processo de abertura. O Presidente era Figueiredo. Então na Universidade eu não fazia parte desse movimento de... eu não...não vivi isso, não, dentro da Universidade. Assim, desse movimento cultural da abertura política. Não. Eu vivi a época que entrava a cavalaria na universidade pra destruir... pra acabar com a reunião, levar estudante debaixo do braço preso. A gente tinha aquele medo do agente secreto, né? Do dedo duro na sala. Isso assustava.

O ativismo político também contagiava alguns alunos de ciências exatas, mas o receio de ser denunciado como subversivo e parar na prisão tornava o ambiente tenso. Paralelamente, a imprensa já estava fazendo apologias da “peste Gay” para a aids, promovendo dessa forma o ódio e o extermínio dos homossexuais.

Ele se reporta ao general Figueiredo, o último presidente do regime militar, e as medidas para abolir o sistema bipartidário e realizar a anistia política dos militares e perseguidos políticos e a sua entrada como funcionário em um banco público onde permaneceu por mais de trinta anos em sua carreira profissional.

Você chegou a conhecer algum colega que foi preso na Universidade durante o regime militar?

Não.

Tinha notícias. Eram pessoas que eu não conhecia, né! Naquela época, era tudo no início. Não tinha nem PT (...) então, na verdade, havia quando a abertura política começou a chegar, que começou a se discutir essa abertura política e tal, eu já estava fora.

As preocupações com a liberdade dos estudantes durante o regime militar são um capítulo importante na educação do país. O livro do professor Evson Malaquias descreve: “Cajá está sendo torturado e você vai à aula?” Edval Cajá, estudante de Ciências Sociais da UFPE, foi sequestrado, preso e torturado. *“Conflitos e contradições são considerados sinônimos de perigo, crise, desordem, e a eles se oferece uma única resposta: a repressão policial e militar para as camadas populares, e o desprezo condescendente para os opositores em geral”* (Chauí, 2001, p. 15).

O desafio era como existir fora de uma dose de exibicionismo, ainda que inocente, em virtude do massacre social e político, pois a vivência homossexual estava ligada a sentimentos de vergonha e contradições. Em larga medida era se sujeitar à gramática e ao aparato social. Era conviver com sintomas de mal-estar calado. Silenciar era criar condições para sobreviver no ambiente sufocante.

Resistir indicava um desejo de mudança traduzido em potência questionadora bem diferente dos dias atuais. Era relevante considerar a repressão, o perigo e o sofrimento que se expressavam de alguma forma. Uma turma corria esse risco apesar da violência policial e do risco de prisão. O restante da população gradativamente acumulava o desejo de mudança representado por alguns artistas, intelectuais e políticos. O desejo de liberdade começava a dar sinais e apesar da intensificação da vigilância, redutos contra o regime se organizavam articulando um ativismo.

A lógica civilizatória deu origem ao afastamento dos afetos e do corpo. E quando se fala então de corpos iguais masculinos cujo desejo sexual é por outro homem recai no universo inferiorizado. O que resta é resistir intensamente, contrariando os padrões dominantes da cis-heteronormatividade. Dessa forma se articula uma possibilidade de transformação social ainda que lentamente. É uma luta permanente contra a bússola imperativa de poder sobre os corpos tidos como indesejados hierarquizando como inferiores. Para Melo:

essa hierarquia de sexualidade e de gênero articulada a partir da oposição macho/fêmea/masculinidade/atividade sexual versus fêmea/ feminilidade/ passividade sexual busca englobar compulsoriamente todas as categorias e identidades sexuais. Quem não se enquadra é percebido como uma espécie híbrida e dissidente do cânone cultural (Melo, 2024, p.27)

Escapar dos sintomas presentes na esfera social é quebrar vínculos enraizados no patriarcado e fortalecer o coletivo dissidente LGBTQIAPNB+. Diante disso gera um contorno totalitário das vidas fechadas em si e em representações sociais negando os seus movimentos como retrata Sayão: *“Essa regra imperialista, absurdamente indiferente e fechada em si mesma vai se pulverizar nas mais diferentes instâncias da vida humana, onde o que impera é exatamente o fechamento em si – naquilo que chamo mal de si”* (Sayão, 2014, p.295).

Há quem diga que há uma obsessão para invisibilizar e desprezar corpos homossexuais masculinos com ódio e exclusão social. Essa condição se acentua quando esses corpos são trans masculinos. Em um mundo binário recusar novas configurações com sexualidades fluidas emerge um contexto de ebulição promotor de injustiças e violências.

A ditadura política chegou ao fim, mas ainda tem muita luta pela frente para as liberdades do corpo, incluindo a dimensão sexual.

Considerações nunca finais

Como os poderes do universo são diversos desde Zeus, enfatizei com muita insistência e intensidade sobre a formação universitária de um homossexual masculino durante a ditadura. É muito triste nessa retrospectiva identificar que nem tudo foi vencido quase meio século depois. Mas o que são cinquenta anos numa construção cultural de séculos e séculos causando feridas e dor aos homens que desejam sexualmente outros homens?

Quando se deseja escapar de tradições e circunstâncias em que *“a figura do homem em uma determinada lógica é a do macho-varão-heterossexual, destemido e bravo, incólume a qualquer fragilidade vai se tornar a regra do masculino”* (Sayão, 2014, p. 297) será necessário resistir. Criar alternativas de sobrevivência desde cedo para poder afirmar-se enquanto

homem gay na família, universidade e na sociedade é organizar a vida contestando tramas e forças dominantes de cultura, política, religião e moral. A resposta contestatória do homossexual masculino em uma sociedade totalitária que decide e define papéis está fora de uma atitude intelectual, mas modifica uma relação dada e incoerente com a sua capacidade de existir na universidade e na vida.

Entre pessoas do mesmo sexo, não há necessidade de se abster e não ouvir a voz interna. Renunciar o esconder-se, ainda que difícil, tende a ser menos nocivo ao longo da vida e vale para o viril ou o afeminado que já traz para si esse lugar.

O resultado mais positivo nessa análise foi o encontro com questões masculinas e que elas já constam da pauta emergente de serem repensadas. Todo coletivo LGBTQIAPNB+ está envolvido com transformações culturais, sociais, raciais. Essa interseccionalidade não esgota e nem dá conta de vencer toda uma cultura misógina, machista, patriarcal e sem afetos, mas certamente é um passo firme para o combate a violências. Os argumentos não podem ser retóricos. Necessitam de políticas e de medidas para acolher corpos dissidentes em todos os espaços. Queerizar a universidade é o caminho como nos lembra a pensadora argentina Val Flores, ser gay não está na moda e nem é um ato de coragem. É uma ação política.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- BUTLER, Judith. *A força da não violência: um vínculo ético-político*. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2001
- GREEN, James; QUINALHA, Renan. *Ditadura e Homossexualidades*: São Carlos: EdUFSCar, 2019.
- HEIDEGGER, Martin. *Identidade e diferença*. Tradução de Ernildo Stein - 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- MAIA, Heribaldo. *Neoliberalismo e sofrimento psíquico: O mal-estar nas universidades*. Recife: Ruptura, 2022.
- MELO, Iran Ferreira de. *Linguística Queer*. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.
- PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala*. Tradução Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- QUINALHA, Renan. *Movimento LGBT+: uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- RAJOBAC, Raimundo. *Bildung enquanto formação estética no jovem Nietzsche*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016

SANTOS. Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2011

SAYÃO, Sandro Coza in CARDOSO, Fernando da Silva (org). *Cultura de Paz: gênero, sexualidade e diversidade*. Recife, Editora UFPE, 2014

SELIGMANN-SILVA, Marcio (org). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Narrar o trauma: *A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. PSIC. CLIN., Rio de Janeiro, VOL.20, N.1, P.65 – 82, 2008.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2002.

TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só: A crise do masculino*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2021.

VICK, Mariana. *Dia a dia do golpe: a marcha da família com Deus pela liberdade*. 18 de março de 2024 (atualizado 12/04/2024 às 15h54). Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/serie/2024/03/18/marcha-familia-deus-liberdade>. Acesso em: 25 out. 2024.

ZUPANCIC, Alenka. *O que é sexo?*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.